



O Espaço Urbano

Novos escritos sobre a cidade

ANA FANI ALESSANDRI CARLOS



CONTEXTO

CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano. Novos escritos sobre a cidade.** São Paulo: Contexto, 2004, p. 17-34.

UMA LEITURA SOBRE A CIDADE

Iniciamos este texto¹ reafirmando uma preocupação: não raro, a cidade, vem sendo pensada ora como quadro físico, ora como meio ambiente urbano (e, nesta dimensão, “naturalizada”), em ambos os casos, ocultando o conteúdo da prática sócio-espacial que lhe dá forma e conteúdo. Também tenho insistido no fato de que a geografia vem sendo invadida pela necessidade de sua aplicação revelando o discurso do mercado em direção a um pragmatismo que não impede a teorização, descarta-a de forma preconceituosa. Esses fatos revelam que se vivemos uma crise da cidade, como decorrência do aprofundamento das contradições do processo de realização da acumulação em escala ampliada (sinalizada pelo aprofundamento dos processos de segregação urbana); presenciamos, também, uma crise teórica, o que indica que a análise do mundo deve considerar uma articulação necessária entre teoria e prática. Portanto a geografia urbana deve contemplar em sua análise sobre o fenômeno urbano, uma crítica a formulação do saber sobre a cidade. Isto porque é impossível separar a produção social da cidade da produção de um pensamento sobre a cidade; como escreve Lefebvre, “a teorização não suprime a problemática do mundo moderno - ela contribui para colocar as questões com mais força”;² portanto, a análise da cidade deve passar pela amplitude de uma dupla dimensão crítica: crise teórica e prática.

Estas afirmações apontam a necessidade da produção de um conhecimento que dê conta da construção de uma teoria da prática sócio-espacial que se realiza na cidade enquanto desafio para desvendar a realidade urbana em sua totalidade, bem como, das possibilidades que se desenham no horizonte para a vida cotidiana na cidade. Esta perspectiva ilumina a armadilha da redução do sentido da cidade àquela de condição da reprodução do capital, ou da dominação do estado, ambas esvaziada do sentido da vida humana. Assim, à necessidade de desvendamento dos processos constitutivos do espaço social adiciona-se, a construção de uma teoria sobre a cidade.

A realidade urbana nos coloca diante de problemas cada vez mais complexos, que evolue o desvendamento dos conteúdos do processo de urbanização, hoje, uma tarefa que deve ser coletiva, através de um debate fundado contemplando várias perspectivas teórico metodológicas, como possibilidades abertas com a pesquisa urbana em Geografia. Por outro lado, não se pode ignorar o conhecimento acumulado sobre a cidade que contempla um profícuo debate interdisciplinar como esforço das ciências parcelares na direção de sua elucidação. Este conhecimento acumulado revela-nos a cidade enquanto obra da civilização, bem como o lugar de possibilidades sempre ampliadas para a vida humana; ao mesmo tempo em que um desafio se eleva no horizonte das análises urbanas; poderiam as ciências parcelares, isoladamente, construir um entendimento sobre a cidade em sua totalidade? E nesta direção, qual a contribuição possível de cada uma para a constituição de um entendimento da cidade como ponto de partida para o desvendamento do mundo moderno?

Em primeiro lugar a compreensão da cidade, pensada na perspectiva da geografia, nos coloca diante de sua dimensão espacial – a cidade analisada enquanto realidade material – esta por sua vez, se revela pelo conteúdo das relações sociais que lhe dão forma. A produção geográfica aponta claramente o fato de que não há um único modo de se pensar a cidade, sinalizando que não há um único caminho a ser trilhado pela pesquisa. No Brasil, no plano da pesquisa urbana, várias perspectivas teórico-metodológicas despontam no horizonte; mas se os caminhos da pesquisa são múltiplos, nenhuma corrente pode ter a pretensão de ser a “verdadeira”. O processo de constituição do conhecimento, ao longo da história, revela um caminho ininterrupto de superações sucessivas e necessárias, questionando a idéia de conhecimento como produtor de verdades absolutas, visto que a realidade ela própria, se reproduz de modo ininterrupto de superação.

É assim que nossas pesquisas revelam, várias vertentes apoiadas em paradigmas e abordagens diversas; dentre as quais, uma vertente fenomenológica, uma corrente histórico-geográfica, uma corrente marxista e (o que o Maurício de Abreu denominou) uma corrente “marxista-Lefebvriana”, (mais recente) na qual me incluo. Essas correntes revelam perspectivas possíveis, abertas à pesquisa. Cabe avaliá-las sem preconceitos. Mas minha intenção, aqui, não é tecer um panorama sobre a história da pesquisa urbana realizada pela geografia, mas aprofundar uma de suas perspectivas teórico-metodológicas como possibilidade de entendimento da cidade em sua totalidade. Posso inicialmente afirmar que essa matriz - marxista-lefebvriana - não se apóia num conjunto de paradigmas, nem na constituição de um modelo de análise acabada, também, não se trata, evidentemente, de “geografizar” a obra de Marx e Lefebvre³. O que o pensa-

mento de Marx nos propõe é uma crítica à formulação do saber ao mesmo tempo que uma crítica da redução do conhecimento a uma coleção de fatos, portanto, a leitura da cidade que me proponho a realizar, aqui, a partir da perspectiva sinalizada pela obra de Marx, é antes de mais nada, um método de análise da prática social tomando a realidade em movimento onde a crise, inerente ao processo de reprodução, pode ser um elemento revelador dos seus conteúdos.

Portanto, deixando de lado postulados e afirmações dogmáticas, podemos tomar como ponto de partida para desenvolvimento do raciocínio capaz de produzir uma “leitura geográfica sobre a cidade” partindo da idéia da cidade, enquanto construção humana; produto histórico-social, contexto no qual a cidade aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo de uma série de gerações, a partir da relação da sociedade com a natureza. Expressão e significação da vida humana, a história da cidade revela-a como obra e produto, que se realiza como realidade espacial concreta cujo movimento é produto de um processo histórico cumulativo, revelando ações passadas ao mesmo tempo, que o futuro que se tece no presente e, nesta condição revela nas possibilidades presentes na vida cotidiana. Assim, o sentido e a finalidade da cidade enquanto construção histórica se refere ao homem e a realização da vida humana. Assim se a construção da problemática urbana, se realiza no plano teórico, a produção da cidade e do urbano se coloca no plano da prática sócio-espacial, revelando a vida na cidade. A sociedade constrói um mundo objetivo através da prática sócio-espacial, revelando em suas contradições, num movimento que aponta um processo em curso, que tem sua base no processo de reprodução das relações sociais - que se realiza enquanto relação espaço-temporal.

A análise espacial da cidade, no que se refere ao processo de produção, revela a indissociabilidade entre espaço e sociedade, na medida em que as relações sociais se materializam num território real e concreto, o que significa dizer que, ao produzir sua vida, a sociedade produz/reproduz um espaço, enquanto prática sócio-espacial. A materialização do processo é dada pela concretização das relações sociais produtoras dos lugares, esta é, a dimensão, da produção/reprodução do espaço, passível de ser vista, percebida, sentida, vivida. O homem se apropria do mundo, enquanto apropriação do espaço – tempo determinado, aquele da sua reprodução da sociedade. Assim se desloca o enfoque da localização das atividades, no espaço, para a análise do conteúdo da prática sócio-espacial, enquanto movimento de produção/ apropriação / reprodução da cidade. Tal fato torna o processo de produção do espaço indissociável do processo de reprodução da sociedade – neste contexto a reprodução continuada da cidade se realiza enquanto aspecto fundamental da reprodução ininterrupta da vida.

Deste modo podemos afirmar que além de objetos, o sentido da noção de produção revela um processo real amplo e profundo enquanto um conjunto de relações, modelos de comportamento, sistema de valores, formalizando e fixando as relações entre os membros da sociedade, e, nesse processo, produzindo um espaço em sua dimensão prática. Mas a produção se abre para a reprodução e, nesta direção, sinaliza o processo de desenvolvimento da sociedade humana, revelando a profunda dialética homem-natureza. Nesta perspectiva a noção de produção supera - sem ignorar o plano do econômico, colocando a análise num outro patamar na medida em que a cidade revela o processo de generalização da troca, da constituição e ampliação do mundo da mercadoria, da concretização do ordem distante, no lugar, iluminando outras categorias de análise como aquela de cotidiano, apontando no lugar, a realização da vida enquanto prática sócio espacial. Nessa direção a cidade pode ser entendida, dialeticamente, enquanto produto, condição e meio para a reprodução das relações sociais, - enquanto produtoras da vida humana, no sentido amplo da reprodução da sociedade. Aqui a cidade se reafirma enquanto espaço social na medida em que se trata da realização do ser social ao longo do processo histórico. Deste modo, a análise da cidade, em sua dimensão espacial, se abre para a análise da vida humana em sua multiplicidade.

Podemos afirmar que a análise deve captar o processo num movimento e, no mundo moderno, esta reprodução sinaliza a articulação indissociável de três planos: o **econômico** (a cidade produzida enquanto condição de realização da produção do capital - convém não esquecer que a reprodução das frações de capital se realizam através da produção do espaço), o **político** (a cidade produzida enquanto espaço de dominação pelo Estado na medida em que este domina a sociedade através da produção de um espaço normatizado); e o **social** (a cidade produzida enquanto prática sócio espacial, como elemento central da reprodução da vida humana). Esses três planos revelam dimensões, como aquelas de local e global; tendo como pano de fundo o processo de mundialização da sociedade, enquanto constituição da sociedade urbana.

Neste plano, a sociedade urbana se generaliza, isto significa que, a tendência que desponta no horizonte é a generalização do processo de urbanização na medida em que a sociedade inteira tende ao urbano. Essa extensão do urbano produz novas formas, funções e estruturas sem que as antigas tenham, necessariamente desaparecido, apontando uma contradição importante entre as **persistências** - o que resiste e se reafirma continuamente enquanto referencial da vida - e o que aparece como "**novo**", caminho inexorável do processo de modernização. Mas há também a degradação de formas e relações sociais na cidade; portanto a contradição revela um movimento triádico: preservação - degradação - transformação, enquanto característica do processo de reprodução da cidade, hoje.

Pensar o urbano nesta direção, significa considerar o fato de que o capitalismo se expandiu, e, ao se realizar, tomou o mundo; é o momento da redefinição da cidade, de sua explosão, da extensão das periferias, da reprodução do espaço num outro patamar. Neste sentido a sociedade atual contemporânea aparece como sociedade urbana em constituição o que significa que ao mesmo tempo em que caracteriza uma realidade concreta, também sinaliza uma tendência; a possibilidade de sua realização. Nessa perspectiva o urbano aparece como realidade mundial, ultrapassando realidades e conceitos parciais. A prática urbana em sua totalidade, no plano mais amplo, aquele da reprodução das relações sociais, é uma pista importante para entender a cidade em sua totalidade, mesmo a partir das ciências parcelares.

Deste modo a construção da problemática urbana nos obriga, inicialmente considerar o fato de que ela não diz respeito somente a cidade, mas nos coloca diante do desafio de pensarmos o urbano, não só, enquanto realidade real e concreta mas, também enquanto virtualidade. A generalização da urbanização e a formação de uma sociedade urbana impõe um modo de vida, que obedece a racionalidade inerente ao processo de reprodução das relações sociais. No plano local, a análise da cidade indica uma prática social de conjunto espacializada, produzindo um espaço onde o uso se revela enquanto modo da reprodução da vida, através dos *modos de apropriação do espaço* - colocando a noção de reprodução no centro da análise.

É por isso que podemos afirmar que no espaço se pode ler as possibilidades concretas de realização da sociedade. ao mesmo tempo que suas virtualidades. É nesta perspectiva, que a cidade aparece como o "lugar do possível". Neste processo a cidade, revela, hoje, um momento em que a sociedade urbana esta se constituindo a partir da generalização do processo de urbanização do mundo evidenciando uma realidade concreta e virtual, e nesta direção.

A PRODUÇÃO (E A REPRODUÇÃO) COMO CATEGORIA CENTRAL

A noção de produção tem um conteúdo mais amplo que a economia lhe confere, pois esta se vincula a produção do homem, às condições de vida da sociedade em sua multiplicidade de aspectos, e como é, por ela, determinado. Portanto, a noção de produção esta articulada, inexoravelmente, àquela de reprodução das relações sociais lato senso - num determinado tempo e lugar - abrindo-se para um plano mais amplo e referenciando-se naquilo que Lefebvre chama de produção filosófica. Esta noção envolve a produção strito senso e suas relações mais abrangentes, significa, neste contexto, o que se passa fora da

esfera específica da produção de mercadorias, e do mundo do trabalho (sem, todavia, deixar de incorporá-lo) para estender-se ao plano do habitar, ao lazer, à vida privada, guardando o sentido do dinamismo das necessidades e dos desejos que marcam a reprodução da sociedade (englobando, também, as ações que fogem ou se rebelam ao “poder estabelecido”), bem como, as mudanças no processo de apropriação⁴. Envolve, portanto um sério esforço no sentido de elucidar a produção em seus vários momentos. Isto é, o conceito também revela a generalização num processo conflituoso e contraditório englobando todas as esferas da reprodução social; isto é, as relações sociais ganham concretude e materialidade num espaço que se produz num outro patamar que transcende a idéia clássica de localização. Portanto há condições espaço-temporais objetivas que revelam e definem a prática social.

A noção de produção aponta outro desdobramento; aquele de sua reprodução e, evidencia a perspectiva de compreensão de uma totalidade que não se restringe apenas ao plano do econômico, abrindo-se para o entendimento da sociedade em seu movimento mais amplo, o que pressupõe uma totalidade mais ampla. Esse entendimento muda os termos da análise urbana.

Deste modo, a análise do fenômeno urbano ao sublinhar o que se passa fora do âmbito do trabalho, acentua a esfera da vida cotidiana, de modo que a reprodução do espaço urbano articulado e determinado pelo processo de reprodução das relações sociais se apresenta de modo mais amplo do que relações de produção estrito senso (a da produção de mercadorias), envolvendo momentos dependentes e articulados. A vida cotidiana, nesta perspectiva, se definiria como uma totalidade apreendida em seus momentos (trabalho, lazer e vida privada) e nesse sentido guardaria relações profundas com todas as atividades do humano – em seus conflitos, em suas diferenças. É, para Henri Lefebvre, na vida cotidiana que ganha sentido, forma e se constitui o conjunto de relações que faz do humano e de cada ser humano, um todo. Nessa direção o sentido da cidade é aquele conferido pelo uso, isto é, os modos de apropriação do ser humano para a produção da sua vida (e no que isto implica). É um lugar que se reproduz enquanto referência e, nesse sentido, lugar de constituição da identidade e da memória, nessa dimensão revelaria a condição do homem e da cidade, enquanto construção e obra.

Portanto, a (re)produção como categoria central de análise abre a perspectiva de analisar, antes de mais nada, a vida humana pois aponta, em cada momento um determinado grau de desenvolvimento da história da humanidade, o que significa dizer que a produção se define com as características comuns em diferentes épocas; sustenta, nesta direção uma realidade concreta, relações reais que se desenvolvem no bojo de um movimento real, mas como a

noção tem um caráter histórico mais do que pensar numa produção específica, o conceito em Marx é globalizante e aponta tendências contraditórias: renovação/ conservação/ preservação/ continuidades e rupturas - esse é o movimento delineado por Marx nos Grundrisse.⁵ Nesta direção a noção de reprodução como tendência, abre, também, como perspectiva analítica o desvendamento da realidade urbana em constituição, revelando a vida cotidiana enquanto lugar da reprodução no seu sentido amplo.

Para Lefebvre, no século XX a produção atravessa um período de modificação qualitativa; antes a produção quantitativa predominava quase que exclusivamente (coisas e objetos), a partir dos anos 60 começa-se a produzir cada vez mais imagens textos, signos, compondo um conjunto de produção imaterial - o que vai caracterizando, no entanto essa produção é sua ambigüidade, isto é a produção de imagens, signos permite sonhar, inventar, mas na maioria dos casos esta produção imita e simula uma realidade já existente. Nessa direção a relação produção - reprodução - repetição pesa sobre a prática social, esboçando-se um conflito entre a produtividade (repetitiva) e a criatividade⁶, iluminando novas contradições.

É na segunda metade do século XX que o espaço, a cidade aparecem como problemas⁷. Faz parte do momento da reprodução onde o capitalismo integrou a cidade histórica; incorporou os espaços, antes desocupados à troca; transformou o espaço social e político em real e operacional, dado e instrumento necessidade e virtualidade; um elemento fundamental na manutenção das relações de dominação. Também aponta para a generalização da produção e do consumo. Significa, também, o desvendar de um modo de pensar a realidade social num momento em que a totalidade se dilui e só se pode perceber a fragmentação. Momento em que o processo de reprodução das relações sociais se realiza no plano mundial.

Mas “não é somente a sociedade inteira que se torna o lugar da re-produção (das relações de produção e não somente os meios de produção) mas o espaço inteiro. Ocupado pelo neocapitalismo, setorizado, reduzido a um meio homogêneo e portanto fragmentado, esmigalhado, (só fragmentos de espaço se vende a clientela) o espaço torna-se a sede de poder. As forças produtivas permitem a quem a dispõe de dominar o espaço e mesmo de produzi-lo. Essa capacidade produtiva se estende ao espaço terrestre. O espaço natural é reduzido e transformado em um produto social pelo conjunto das técnicas, da física a informática; deste modo, o espaço se de um lado reproduz ativamente as relações de produção, de outro, contribui a sua manutenção e consolidação.⁸

Assim a noção de reprodução aparece no centro do processo de construção do entendimento do mundo moderno, a partir da análise da cidade e do

urbano na medida em que ela revela não só o caminho que o processo de urbanização aponta (e o caminho que a reprodução aponta é a urbanização da sociedade revelando-se no plano mundial enquanto constituição da sociedade urbana e do espaço mundial), mas também, revelando o processo urbano transformando profundamente a vida humana e, nesta direção coloca como horizonte a questão da reprodução da vida humana. No plano do conhecimento, ao mesmo tempo em que torna possível apreender a realidade urbana num contexto mais amplo e mais profundo permite a superação da fragmentação do conhecimento. Na perspectiva espacial, supera-se a dimensão ontológica, para construir o conhecimento de sua produção/reprodução.

O MOVIMENTO DA REPRODUÇÃO: DA HISTORICIDADE À ESPACIALIDADE

A sociedade constrói um mundo real e objetivo; na prática sócio-espacial, esse mundo se revela em suas contradições, num movimento que aponta um processo em curso, que se realiza enquanto relação espaço-temporal. Se como já aponteí, as relações sociais têm uma existência real enquanto existência espacial concreta na medida em que produzem, efetivamente, um espaço, aí se inscrevendo e se realizando, as relações sociais produzem um lugar determinado através de um tempo que marcaria a duração da ação. É assim que, espaço e tempo aparecem através da ação humana em sua indissociabilidade.

Assim a ação que se volta para o fim de concretizar, ou melhor, viabilizar a existência humana se realizaria enquanto processo de reprodução da vida, pela mediação do processo de apropriação do mundo. É nesse sentido que o espaço aparece enquanto condição meio e produto da reprodução social revelando uma prática sócio-espacial. Para Lefebvre o conceito de reprodução renovado, estendido ganha papel importante na teoria "inicialmente inerente a marcha e ao funcionamento da vida social, não excluindo mudanças que a contrarrestam, a reprodução acaba por predominar, ela coincide com a identidade e repetição. Para o Autor esta tríade reprodução/identidade/repetição adquire potência terrível pois as modalidades anteriores não desaparecem são superadas, persistindo como momentos. É no Estado e na sua escala que se realiza esta reprodução; um processo que caracterizaria, para o Autor, um novo momento da história, aquele em que a reprodução domina sobre a produção. Deste modo, a análise do momento atual nos coloca diante dos termos da reprodução e não da produção. Abre-se com esta idéia a base para a formulação do raciocínio que estabelece um movimento que vai de uma dialética do tempo àquela do espaço.

Segundo Lefebvre, a segunda metade do século XX, particularmente os anos 70, aponta uma mudança no sentido da história onde não se reconhece mais, os traços da historicidade, pois as histórias particulares realizam-se agora no seio do mundial que se anuncia. O mundial passa a ser o ponto de partida e de chegada da análise colocando acento sobre o possível e não sobre o real. Nesse sentido o mundo se faz mundo tornando-se o que era virtualmente⁹. As virtualidades abrem, em cada época, uma pluralidade de possíveis que se cumpre no processo histórico e registra que há um salto qualitativo do histórico ao mundial. Todavia a relação historicidade - mundialidade é conflituosa, "o conflito entre historicidade-mundialidade resolve-se na produção de um espaço mundial enquanto obra do tempo histórico no qual este se realizou". Assim o espaço como terceiro termo da relação articula-se na tríade "historicidade - mundialidade - espacialidade". A mundialidade estabelece-se com o predomínio do espaço sobre o tempo, este foi totalizado no espaço pois, este contem o tempo (um emprego de tempo, uma vez que o espaço social só existe no uso). Portanto a predominância da espacialidade que se anuncia, faz parte da mundialidade¹⁰.

A meu ver este movimento se realiza enquanto movimento da reprodução social, o que significa que há na história, um momento em que o processo de reprodução se realiza num outro patamar: aquele da produção/reprodução do espaço; momento em que implodem os referenciais vindos da história. Na metrópole, por exemplo, ela se revela enquanto possibilidade de realização do capital financeiro que produz um "novo espaço" composto pelos edifícios voltado aos serviços modernos, ou ainda da produção de espaços de lazer acompanhando a produção destes edifícios a partir da destruição de bairros inteiros, "apagando os rastros da produção anterior".

Portanto, a noção de reprodução saída do desenvolvimento da noção de produção revela o fato de que não se trata apenas e tão somente, ao universo da produção de mercadorias, que embasa a idéia de cidade enquanto concentração, uma vez que o crescimento econômico e a industrialização caminham no sentido de que a concentração da população acompanha a concentração dos meios de produção, mas o modo de produção capitalista em seu movimento de realização revelando uma reprodução mais ampla. Neste plano o processo refere-se a cidade de modo integral.

É nesse plano também, que pode ser detectado uma tendência; aquela da instauração do cotidiano como elemento constitutivo da reprodução na metrópole. Esta tendência vai se estabelecendo através do conflito entre a imposição de novos modelos culturais e de comportamento, agora, invadidos pelo mundo mercadoria, estabelecida no plano do mundial, e as especificidades da

vida no lugar com a persistência de antigas relações. As novas condições de existência se realizam desigualmente pela criação de uma rotina organizada (no espaço e no tempo) da vida cotidiana transformando radicalmente a sociabilidade posto que produz transformações nos usos do espaço, empobrecendo a vida a medida em que as relações entre as pessoas passam a ser substituídas por relações profissionais ou institucionais. Por sua vez o tempo se acelera em função do desenvolvimento da técnica - que requer a construção de novos espaços - que vai modificando as relações dos habitantes com o lugar e no lugar, redefinindo a prática sócio-espacial.

A articulação global/local impõe-se à sociedade determinando novos padrões de fora para dentro, pelo poder da constituição da sociedade de consumo (assentada em modelos de comportamento e valores que se pretendem universais, pelo desenvolvimento da mídia que ajuda a impor os padrões e parâmetros para a vida, pela rede de comunicação que aproxima os homens e lugares, ao mesmo tempo, que isola-os), num espaço-tempo diferenciado e desigual. O choque entre o que existe e o que se impõe como novo constitui a base das transformações da metrópole onde os lugares vão se integrando de modo sucessivo e simultâneo a uma nova lógica, aprofundando as contradições entre o centro e a periferia.

Na prática sócio-espacial, esse mundo se revela em suas contradições, no Brasil, vividas de forma mais aguda e profunda. Na metrópole de São Paulo, por exemplo, o planejamento urbano autofágico tende a destruir a cidade, pois destrói as formas urbanas. Como consequência, destrói as referências urbanas que agem sobre a identidade reproduzindo a cidade enquanto exterioridade. Nesse processo se gesta a situação de estranhamento do habitante diante da cidade iluminado o processo de produção alienada da cidade. Assim, a realidade urbana se constrói com essas contradições: de um lado os sinais, os códigos delimitando e marcando o processo de mundialização pela articulação da cidade ao plano do mundial; de outro o lugar se reproduzindo como exterioridade em relação ao indivíduo.

No plano do lugar, a contradição entre o processo de produção social do espaço e sua apropriação privada marca e delimita a vida cotidiana, isto porque numa sociedade fundada sobre a troca a apropriação do espaço, ele próprio produzido, enquanto mercadoria, liga-se, cada vez mais à forma mercadoria. Nesta condição serve as necessidades da acumulação através das mudanças / readaptações de usos e funções dos lugares que também se reproduzem sob a lei do reproduzível, a partir de estratégias do desenvolvimento do capitalismo que se estende cada vez mais ao espaço global, criando novos setores de atividade como extensão das atividades produtivas. O espaço, pro-

duzido enquanto mercadoria, entra no circuito da troca atraindo capitais que migram de um setor da economia para outro, de modo a viabilizar a reprodução o que explica a emergência de uma nova lógica associada a uma nova forma de dominação do espaço que se reproduz ordenando e direcionando a ocupação, fragmentando e tornando os espaços trocáveis a partir de operações que se realizam no mercado. Deste modo o espaço é produzido e reproduzido enquanto mercadoria reproduzível.¹¹

O movimento da reprodução em suas várias dimensões, presa a uma totalidade ampla, aberta, liga-se a construção do espaço mundial, e a constituição da sociedade urbana; redefinindo os termos da chamada "globalização" em muitas análises, reduzida aos seus aspectos econômicos. É assim que no quadro de constituição da sociedade urbana, revela-se, ao mesmo tempo que, uma tendência à homogeneização, um processo de fragmentação tanto do espaço, quanto do indivíduo. Isto porque, se o processo de homogeneização vincula-se à construção do espaço enquanto mercadoria, (equivalente geral) a fragmentação se liga à existência no espaço da propriedade privada; deste modo o acesso ao espaço na cidade está preso e submetido ao mercado onde a propriedade privada do solo urbano aparece como condição do desenvolvimento do capitalismo. A existência da propriedade privada significa a divisão e parcelarização da cidade, bem como a profunda desigualdade do processo de produção do espaço urbano que se percebe de forma clara e inequívoca no plano da vida cotidiana inicialmente revelada no ato de morar, que coloca o habitante diante da existência real da propriedade privada do solo urbano. O processo de fragmentação da cidade caminha junto, ao processo de mundialização, de forma contraditória. Homogêneo a fragmentação da cidade também revela a hierarquização dos lugares e pessoas como articulação entre morfologias espacial e social. Esta estratificação revela as formas da segregação urbana.

A prática urbana ganha sentido na reprodução das relações sociais, onde se defrontam as estratégias da reprodução das frações de capital e da vida social mudando, significativamente, os elementos da análise urbana, abrindo a perspectiva para o entendimento do conjunto da sociedade. Nesse sentido, o fenômeno urbano revela uma universalidade. A extensão do processo de industrialização coloca para Lefebvre uma hipótese mais abrangente: a da urbanização total da sociedade. O que significa dizer que se a industrialização está posta no horizonte ou nos estudos urbanos como um elemento para o debate; a problemática urbana avança e transcende a problemática posta pela industrialização, pois se a industrialização permitiu a generalização da mercadoria, a extensão ampliada da base do capital; o processo de reprodução da sociedade, hoje, se realiza num outro patamar; aquele da esfera da vida cotidiana e da

cidade e não só na esfera da produção de mercadorias e da fábrica – esta é uma consequência do desenvolvimento da noção de produção. O conceito de reprodução revela o urbano como momento da reprodução saído da história da industrialização e a tendência da sociedade urbana que resulta da urbanização quase que completa da sociedade. Nascida da industrialização, nossa sociedade se concebe enquanto a sociedade urbana, a partir da explosão, da transformação radical das antigas formas urbanas e dos antigos modos de vida.

Esse movimento da história inaugura para o que Lefebvre denomina período transhistórico.

Os desafios postos pela obra lefebvriana

No que diz respeito a análise urbana, uma afirmação chama atenção na obra de Lefebvre o fato de que, segundo o Autor, o pensamento marxista negligenciou as questões relativas ao espaço e ao urbano exatamente porque a reflexão marxista se orienta desde o início sobre a análise crítica da produção estrito senso no sentido estritamente econômico – aquele da empresa e do trabalho produtivo. Só recentemente tomaram consciência desta problemática, mas mesmo assim de “modo simplificado”. Lefebvre afirma que surgiu uma ideologia não atacada pelos marxistas, segundo a qual, a produção industrial trazendo em si o essencial da vida social e política coloca apenas problemas administrativos; se há um erro ele depende da gestão capitalista da indústria e de uma planificação racional das forças produtivas com isso tenta-se restituir a coerência do processo de crescimento simplificando o real, porque reduzem a realidade urbana e espacial a assuntos de renda da terra, especulação imobiliária, ao papel dos promotores e dos bancos; o que não é falso, mas é restrito. Portanto a questão que se coloca é como se realiza a superação desta situação teórica?

Para mim, o caminho possível para a superação desta situação refere-se a idéia de que os problemas postos pela urbanização, hoje, devem se entendidos no âmbito do processo de reprodução geral da sociedade. É assim que o conceito de reprodução ganha sentido iluminado outras categorias de análise. O desvendamento e a amplitude da noção de produção revela a produção enquanto criação, auto-criação do ser humano em suas determinações, possibilidades decisões. – isto é Lefebvre nos coloca diante da idéia de que o modo de produção precisa se reproduzir, uma reprodução que não coincide com a produção dos meios de produção; mas se efetuará também em outros planos – colocando-nos diante das “**novas produções**” capazes de explicitar o mundo moderno: o espaço, o urbano, o cotidiano (cotidianeidade). Estas novas produ-

ções marcam o sentido e as possibilidades, criadas na história, por uma determinada sociedade no seio das quais as contradições e os conflitos se manifestam, pois esta **novas produções se confrontam com permanências**.

À questão aonde se formulam os problemas da produção da existência humana; isto é, a existência social dos seres humanos, Lefebvre responde: no cotidiano, mas é no urbano que o cotidiano se instala; completa. Detecta a produção de um novo espaço, no momento em que o modo de produção capitalista se expandiu, pois esta realização, tomou o mundo. Este é para o Autor o momento da redefinição da cidade, de sua explosão, da extensão das periferias, da construção de um novo espaço. Nesta direção a problemática urbana aparece, como mundial; e a sociedade só pode-se definir enquanto planetária. Por outro lado, no mundo moderno, há para Lefebvre, o conflito entre as forças homogeneizantes e as forças diferenciadoras. Para Lefebvre o desafio a compreensão de nossa época é, exatamente, a cohabitação de novas relações com a permanência de antigas; a sociedade se moderniza e se unifica, ao mesmo tempo que se diferencia; é o fim de uma certa história e início de uma historicidade consciente dirigida.

Neste caminho a reflexão sobre a mundialidade aponta para a espacialidade, o momento da história em que o espaço predomina sobre o tempo contendo em si a finalidade geral ou orientação comum a toda atividade, dos trabalhos divididos à cotidianeidade. O **espaço inteiro** se torna o lugar da reprodução da vida material e humana.

Como já afirmamos, o urbano aparece na obra de Lefebvre enquanto realidade real e concreta e, enquanto virtualidade, onde a crítica confronta o real e o possível; assim, a cidade, esta indissociavelmente ligada à vida do homem. Com esta idéia o Autor nos coloca diante de um novo humanismo¹² baseado num projeto que rompe o racionalismo (que toma a forma de dominação) e projeta a realização da filosofia na prática. É assim que para formular seu projeto poético de mudar a vida de todo seu aspecto irrealista, Lefebvre introduz a noção de cotidianeidade, transformando os termos do problema na medida em que traz uma nova idéia da pobreza e da riqueza das relações sociais, o que permite que se formulem exigências práticas. A primeira é que o estado se apague diante dos interesses dos grupos humanos, fazendo com que a metamorfose da vida cotidiana seja produto da intervenção dos interessados e não pela simples consulta dos indicados (aqui seu raciocínio abre-se para pensar a auto-gestão). Nesta direção o humanismo contempla a realização das virtualidades do humano, aberto segundo o Autor, para as relações conflitantes do possível e do real, pois para ele o mundo não é um simples produto de contradições objetivas, mas contempla determinações, possíveis e decisões.

Algumas questões ganham significado novo a partir de seus trabalhos. Em primeiro lugar a diferenciação / imbricação entre os conceitos de cidade e de urbano (esse, em processo de constituição) e nessa condição se abre à análise, a discussão sobre a constituição da sociedade urbana. Assim o urbano acentua a constituição da humanidade do homem - tema que desenvolve a partir de sua preocupação com os sentidos mais profundos do termo produção. Significa que seu método relativiza toda a afirmação que tende a erigir-se em absoluto para iluminar o possível - baseado num pensamento que se apóia no virtual (idéia que ganha sentido na transdução).

Nessa direção a sociedade urbana não designa mais a vida na cidade, mas surge da explosão (com a imensa urbanização) da cidade; com os problemas da deterioração da vida urbana. Enquanto momento histórico o urbano engloba, mas antes transcende a cidade é assim que para Lefebvre o conceito de urbano permite analisar um duplo processo aquele de implosão-explosão - a cidade de origem não desaparece com a modernidade ao mesmo tempo em que se dispersam em torno dela a aglomeração. O termo designaria um processo mais amplo "onde se desenvolve a modernidade e cotidianidade no mundo moderno"; o modo de produção existente ampliou o domínio da mercadoria estendendo seu poder para todo o território, inundando e redefinindo relações sociais. Deste modo o urbano acentua a produção do cotidiano¹³ que longe de reduzir-se ao trivial a noção de vida cotidiana aparece no contexto da reprodução; dominada e organizada por ela, um espaço de cuidados, que tende a constituir-se em sistema, porque a reprodução no mundo moderno não se faz ao acaso. Aparece, como resultado do mundo da mercadoria, como programa do capitalismo e do estado que organiza a vida cotidiana porque organiza a sociedade de consumo.

É neste sentido que Lefebvre afirma¹⁴ que a problemática urbana se desloca e modifica, profundamente, a problemática saída do processo de industrialização. Isto porque há um salto qualitativo importante o crescimento quantitativo da produção econômica produz um fenômeno qualitativo que se traduz numa problemática nova; a problemática urbana.

Este momento aponta para o fato de que há exigências novas no capitalismo momento em que a produção cessa de assegurar espontaneamente a reprodução, momento em que a historicidade se transforma em mundialidade. (que significa para Lefebvre, espacialidade e não historicidade). O capitalismo no curso de sua realização se transforma; a reprodução 'sai da produção de mercadorias "para ganhar a sociedade toda". A reprodução em seu movimento real envolve tendências contraditórias. O cotidiano aparece como nível da análise aonde se estabelece o neo capitalismo afirma Lefebvre, é o lugar aonde

se reproduzem as relações sociais para além do lugar do trabalho isto é, na sociedade inteira, no espaço inteiro.

A análise do urbano também revela a relação espaço - tempo; um tempo restrito ao tempo produtivo - onde os ritmos envolvidos pela racionalidade do trabalho se estabelecem numa prática espacial que revela o espaço opressivo/repressivo. Lefebvre também chama atenção para o fato de que essa expansão da reprodução que se dá hoje no plano do mundial cria um outro sentido para as relações sociais numa esfera mais abrangente, as leis econômicas e sociais perdem o aspecto físico (natural) descrito por Marx, logo cega e espontânea; para tornam-se cada vez mais constrangedoras sob uma cobertura contratual¹⁵.

O que me parece importante resgatar para a análise é que a cidade revela-se concretamente, e através do uso que dá sentido a vida é no uso (como ato e atividade) que a identidade esse realiza como atividade prática que sustenta a memória, assim se revela o conteúdo da prática sócio espacial. É nesta dimensão que a vida se transforma, na transformação dos lugares da vida. É neste plano que a norma se impõe e que o estado domina a sociedade organizando e normatizando os usos, através dos interditos e da norma. É neste plano que as lutas se realizam. É neste plano as contradições aparecem com força revelando o sentido e o caminho da reprodução da cidade. É neste plano que o espaço é vivido e percebido como fragmento. É por isso que a caracterização no mundo moderno, lido através da cidade, como aquele da vitória do valor de troca sobre o valor de uso dá outro sentido ao debate em torno do espaço público, bem como dos modos de apropriação em face da generalização do espaço enquanto mercadoria, com a generalização da propriedade privada do solo urbano, em constituição de um espaço sujeito a dominação do valor da troca pela especulação, pelo investimento de capital. Na contrapartida, o espaço urbano representa antes, de mais nada, um uso, que dizer um valor de uso - o que desmistifica o discurso, tão evidente hoje, que reduz o cidadão à condição de usuário de serviços, num espaço geométrico e visual onde a vida cotidiana é programada pelo consumo manipulado. Aqui o direito à cidade que se refere às possibilidades plenas da apropriação dos espaços para a vida em todas as suas dimensões esvazia-se, pois o "usuário", é reduzido à passividade e ao silêncio a não ser quando se revolta.

Esse conflito entre uso e troca é prático e diz respeito a uma prática sócio-espacial real e concreta, onde o uso corresponde a uma necessidade humana e é entorno de que surgem os conflitos. Aqui a questão do território, nas palavras do Autor, se coloca para cada um e para todos. É aqui que a propriedade luta contra a apropriação de modo evidente no espaço - a troca e o valor de troca lutam contra o uso contra o corpo e o vivido (sem todavia se reduzir a

este nível da realidade). Aqui se revela o papel do estado fundamental na produção do espaço e da cidade. O direito a cidade se realiza nas possibilidades reais de apropriação, pela subordinação do valor de troca ao uso (e não o contrário), da constituição da cidade enquanto espaço de criação superando a contradição usuário –usador.

Nessa direção a potencialidade do uso também se revela no cuidado que diferencia o habitar (analisado enquanto atividade, obra) daquele do habitat, onde a casa foi reduzida à função de mercadoria; uma funcionalidade produzida e determinada por razões técnicas; “fornecendo um receptáculo no qual elas as pessoas instalar sua vida cotidiana”¹⁶ Neste momento histórico a “cidade obra” desaparece diante da generalização do produto na medida em que o valor de uso tende a submeter-se ao de troca como consequência esse processo traz a implosão das antigas relações de vizinhança, a perda da identidade em função da destruição dos referenciais urbanos vindos do passado, a transformação dos antigos valores que se confrontam na cidade. Aqui a morfologia espacial e a morfologia social, se justapõe iluminando a segregação que se realiza de formas múltiplas com a generalização da propriedade privada.

Há, portanto, uma complexidade de relações, para o indivíduo, por exemplo, a cidade é o lugar do desejo e de um conjunto de coações que inibem os desejos, e nesta direção a cidade sustenta o sonho e o imaginário - que explora o possível. A cidade e o espaço tem múltiplas funções que não esgotam o real “o espaço e a cidade são ser poético e expressão duramente positiva. A cidade e o urbano suscitam um saber e um lirismo, formam uma totalidade aberta e parcial níveis de totalidades mais vastas. E por que o marxismo deveria evacuar o simbólico o sonho e o imaginário?¹⁷ O sentido da cidade enquanto obra da civilização – que não se reduz a sua construção física, diz respeito a construção da humanidade do homem por isto o caminho de Lefebvre permite a leitura da história e de nossa condição no mundo moderno, incluindo a idéia de um projeto para a sociedade. Portanto, o desvendamento do conteúdo do mundo moderno passa pela discussão sobre a reprodução da cidade, hoje, quando o desafio é pensar a prática sócio-espacial com o sentido das apropriações reais e possíveis, bem como da luta em torno delas. A cidade é o lugar das coações mas também da liberdade.

Assim, na perspectiva analítica aqui desenvolvida a cidade é o “lugar do possível”. “Ela reúne todos os níveis da realidade e da consciência os grupos e suas estratégias, os sub-conjuntos ou sistemas sociais, a vida cotidiana e a festa, comportando um grande número de funções, a mais importantes das quais esquecidas pelos funcionalistas que é a função lúdica. Engloba coações imperiosas e apropriações rigorosas do tempo e do espaço, da vida física e dos de-

sejos (...) a cidade é produto do possível (...) a concepção desse possível se baseia não na análise do atual mas na crítica do atual enquanto é ele rompido pela análise, pela ideologia e pela estratégia baseada no entendimento analítico e não na racionalidade dialética¹⁸”

NOTAS

1. Este texto foi redigido tendo como ponto de partida o artigo “Les défis à la construction de la problématique urbaine” realizado por ocasião “ du colloque centenaire d’Henri Lefebvre” realizado pela associação “La somme et le reste”, Paris, 2002 e foi publicado originalmente na revista Cidades volume I nº 1 organizada pelo Grupo de Estudos Urbano-. GEU, 2004.

2. Henri Lefebvre, “Qu’est-ce que penser”, Paris, Éditions Publisud, 1985 p.129.

3. É indiscutível que o pensamento de Lefebvre traz uma importante contribuição para o estudo da cidade, mas, convém esclarecer que leitura da obra de Henri Lefebvre tem como ponto de partida uma preocupação com “geografia” e não com a produção de um modelo interpretativo ou com a mera transposição de sua obra, portanto, trata-se antes reflexão sobre o seu método de análise. Assim a compreensão de sua obra tem como ponto de partida de minha formação/ preocupação geográfica e não o contrário.

4. O conceito de apropriação é um dos mais importantes que nos chegou de séculos de reflexão filosófica. A ação dos grupos humanos tem sobre o meio material duas modalidades, dois atributos: a dominação e a apropriação. A dominação sobre a Natureza material, resultado de operações técnicas, arrasa esta natureza permitindo as sociedades substituí-las por seus produtos. A apropriação não arrasa, mas transforma a Natureza - o corpo e a vida biológica, o tempo e o espaço dados - em bens humanos. A apropriação é a meta, o sentido e finalidade da vida social.” Lefebvre, Henri. *De lo rural a lo urbano*. 4ª ed. Barcelona, Península, 1978, p.164.

5. Como a produção envolve o movimento da reprodução a análise da prática espacial hoje revela a produção/reprodução do espaço. O desenvolvimento do processo de urbanização aponta este caminho. *Fondements de la critique de l’économie politique*, Éditions Anthropos, Paris, 1968, 4 volumes.

6. *Le retour a la dialiectique 12 mots clés, G- production et reproduction* pp 97/102.

7. *Une pensée devenu monde*. Fayard, Paris, 1980.

8. *La survie du capitalisme* p. 116. Anthropos, Paris, 1973.

9. Henri Lefebvre, *De l'Etat*, vol IV ; *Les contradictions de L'Etat moderne*, UGE, collection 10/18 , Paris 1978. p.435.

10. "(...) a história perdeu a dignidade eminente e a perda de referencial (declínio já percebido por Nietzsche). Desde então ela perdeu a presença, instantânea e obsessão da lembrança e não , mais que representação. Nessa crise se , verdade que o futuro e o possível se esclarecem pelo passado, o futuro reserva surpresas, pois ele se define pelo mundial (espaço) e não pelo histórico (tempo)". Henri Lefebvre, *De L'Etat*, vol IV, op cit, p. 94.

11. Ana Fani Alessadri Carlos, *Espaço-tempo na metrópole*, Editora Contexto, São Paulo, 2001.

12. Para o humanismo marxista o homem é o ponto de partida do pensamento e da ação revolucionária , ele nos coloca diante da necessidade da realização /emancipação do homem pela abolição de suas condições de exploração e opressão colocando-nos diante das necessidades de sua liberação. Para Lefebvre o homem, hoje, compreende mal as suas relações com a sociedade, e ao invés de dominar as relações é dominado por elas que são manipuladas pelas forças econômicas e sociais; o que implicaria em encontrar a unidade entre consciência privada e consciência social.

13. Le retour a la dialectique - 12 mots clé.

14. No livro *Espace et politique suite do "Le droit a la ville"*, Ed. Antropus, Paris.

15. *La survie du capitalisme*, idem, pp. 116/117.

16. Introdução p. XI , Boudon, F. Pessac de Le Courbusier Ed. Dunod, Paris, 1969.

17. *De L'Etat* volume IV página 270, Unions Generale d'Editeur. Paris, 1978.

18. Trata-se de uma estratégia dialética – para conceber o real é preciso para Henri Lefebvre passar pelo utópico e impossível in Henri Lefebvre. *Posição contra os tecnocratas*. Editora Documentos. São Paulo, 1969. pp, 164/165 .